



INSTITUTO DE HUMANIDADES

BACHARELADO EM HUMANIDADES

ADELAIDA CADIDJATU MALI JALÓ

**PANO AFRICANO COMO REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB-CEARÁ**

REDENÇÃO/CE

2020

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRO - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ADELAIDA CADIDJATU MALI JALÓ

**PANO AFRICANO COMO REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB-CEARÁ**

Projeto de Pesquisa de Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Humanas, sob orientação da Profª Drª. Joanice Conceição.

**REDENÇÃO/CE
2020**

ADELAIDA CADIDJATU MALI JALÓ

**PANO AFRICANO COMO REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DOS
ESTUDANTES GUINEENSES DA UNILAB-CEARÁ**

Projeto de Pesquisa de Curso de
Bacharelado em Humanidades da
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito
parcial para a obtenção do título de Bacharel
em Ciências Humanas, sob orientação da
Profª Drª. Joanice Conceição.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Joanice Conceição (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB

Profª. Draª Jacqueline Costa (1ª Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB

Prof. Dr. Carlos Subuhana - (2ª Examinadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira-UNILAB

À minha querida e amável mãe Odete Correia Tambá, que pela graça de Deus, concedeu vida a mim e aos meus irmãos, e labutou bastante, para que eu chegasse nessa fase e me tornar naquilo que hoje sou. E aos meus irmãos que me acompanharam durante todo tempo nesse processo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, dou graças a Deus pela vida saúde, e a oportunidade que me concedeu, e de sempre estar comigo e a minha família.

Agradeço imensamente toda a minha família, que de forma direta e indireta me apoiaram, em especial a senhora Odete Correia Tambá, minha mãe, mulher batalhadora e guerreira, mulher de fibra que nunca poupou esforço para que eu tornasse naquilo que hoje sou. Agradeço por estar sempre do meu lado, e dos meus irmãos quando precisamos, por me ajudar a superar todas as dificuldades e os obstáculos, pelo incentivo e encorajamento de continuar os estudos. Pelos conselhos, que levarei à minha sepultura.

Serei ingrata se não agradecer os meus tios, Ismael Vieira (Nito) e Pipi, por me assinarem o tremo de responsabilidade para que possa viajar para Brasil aos estudos. Por outro lado, agradeço de forma especial a minha querida e maravilhosa orientadora Dr. Joanice Conceição, pela dedicação na realização dessa pesquisa.

Também, agradeço de uma forma especial, ao meu amado, Tedse Silva Soares da Gama, que me apoiou na travessia dessa etapa com tanta dedicação. Meus agradecimentos a meus colegas e companheiros, que contribuíram diretamente e indiretamente para conclusão deste projeto.

Resumo

O presente estudo tem como objetivo central compreender os mecanismos pelos quais se dá o processo de reafirmação de identidade dos estudantes guineenses através do pano africano. Esta pesquisa busca identificar o significado atribuído aos panos africanos pelos estudantes guineenses como marcador social, entender as razões do uso do pano africano como uma marca identitária. Busca ainda, analisar o significado atribuído ao pano africano no contexto social brasileiro. O projeto tem como hipótese principal a valorização e reafirmação da cultura por meio do uso dos panos africanos pelos estudantes guineenses na diáspora. Para realização desta proposta de estudo, pretendemos utilizar o método qualitativo, baseada nas técnicas de entrevista semiestruturadas com questões abertas. Espera-se que com a realização dessa pesquisa, possa contribuir para a desconstrução dos preconceitos ligados às identidades africanas na diáspora.

Palavras-Chave: Identidade. Panos africanos. Estudantes. Diáspora.

Lista de imagens

Figura 1 – <i>Adinkra</i> (Gana) Fonte. Internet	21
Figura 2- <i>Bogolan</i> (Mali) Fonte. Internet.....	21
Figura 3- <i>Adire</i> (Nigéria) Fonte Internet)	21
Figura 4 – <i>Capulana</i> (Moçambique) Fonte. Internet	22
Figura 5 <i>Galades</i> (Angola) Fonte Internet.....	22
Figura 6 <i>Vaksy, Legos</i> (Guiné-Bissau) Fonte. Internet.....	22
Figura 7. Evento cultural de estudantes da Unilab-Ce. (Fonte facebook, página de associação dos estudantes guineenses da Unilab)	27
Figura 8. Foto tirado na Formatura Unilab-Ce. (Fonte: facebook, página de Artguimodelafri).....	27
Figura 9 Foto tirada na oficina “Vidas negras importam” no Município de Horizonte, do terreiro quilombola em Porto Alegre (Horizonte/Brasil-CE). Fonte: Google docs.....	28

Sumário

1. INTRODUÇÃO	9
2. PROBLEMATIZAÇÃO.....	14
3. OBJETIVOS	15
3.1 OBJETIVO GERAL.....	15
3.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
4. HIPÓTESE.....	16
5. JUSTIFICATIVA	16
6. REFERENCIAIS TEÓRICOS	20
6.1 O PANO AFRICANO E AS SOCIEDADES AFRICANAS	20
6.2 ORIGEM DOS PANOS.....	20
6.3 VALORES E SIGNIFICADOS.....	22
6.4 TRAJETÓRIA	23
6.5 O PANO AFRICANO-RECONSTRUÇÃO DE UM REFERENCIAL IDENTITÁRIO	24
6.6 A IMAGEM DA ÁFRICA E DO AFRICANO NO BRASIL	28
7. METODOLOGIA.....	32
7.1 TÉCNICA UTILIZADA	32
7.2 DESCRIÇÃO DO LOCAL DA REALIZAÇÃO DA PESQUISA	33
7.3 DESCRIÇÃO E CRITÉRIOS PARA ESCOLHAS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	33
7.4 CÓDIGO DE ÉTICA DA PESQUISA.....	33
8. CRONOGRAMA.....	33
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. Introdução

Desde o meu ensino médio, sempre quis ter uma formação superior. Logo ao terminar o ensino médio não tive oportunidade de prosseguir com os estudos. Após cinco anos sem contato com os estudos, consegui ganhar uma bolsa de estudo para o Brasil, especificamente para Unilab¹. Entretanto, a viagem para esta universidade foi algo novo, pois nunca tinha conhecido o país onde ele se encontra. Foi um percurso um pouco difícil, tendo em conta minhas condições financeiras, para realizar a viagem e concretizar o sonho de ter ensino superior.

Ao chegar no Brasil, surgiram novas dificuldades concernentes a adaptação em termos de sociabilidade e nova realidade de estudo, tendo em conta às peculiaridades de ensino em termos de conteúdo e variação linguística, assim como em termos culturais.

No entanto, para atender a demanda da formação na Unilab o requisito básico é o trabalho de conclusão de curso (TCC), nessa ótica pus-me a pensar sobre um tema que contemplasse a realidade Bissau-guineense. Apesar de ter surgido vários temas voltados à Guiné-Bissau, meu país de origem, optei por pesquisar sobre a nossa atual situação em termos identitário, enquanto guineenses na Unilab. Situação esta, em que todos os estudantes estrangeiros são atribuídos o nome de “africanos”, sem especificações das nacionalidades particulares, ou seja, sem distinguir nacionalidades constituintes da África.

Essa pesquisa nasceu através das profundas observações feitas, dentro e fora desta instituição, no que concerne à questão da identidade africana, por meio da utilização dos panos africanos, nas diversas nacionalidades que fazem parte da Unilab. Além disso, essa universidade, tem proporcionado momentos e ambientes favoráveis à discussões e debates sobre as identidades. Vale ressaltar que a pesquisa proposta é especificamente direcionada aos estudantes guineenses da Unilab, residente no Ceará.

O continente africano é vasto, contendo mais de cinquenta (50) países, o que faz dele um continente rico em diversidades linguísticas e culturais, sendo que cada país tem seus costumes diferentes e práticas culturais particulares.

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, instituição residente em Fortaleza/Ceará e Salvador/Bahia, uns dos estados do Brasil.

Por se tratar de um grande continente, o terceiro maior continente da Terra, composto por 54 países, com uma população total de aproximadamente 970 milhões de habitantes distribuídos em uma área de 30 milhões de quilômetros quadrado, sendo possível identificar mais de 1500 idiomas e dialetos diferentes, que se relacionam e convivem juntos há séculos, fazendo do continente um caldeirão multicultural, sendo que a língua oficial na maioria dos países é a dos principais colonizadores europeus: inglês, francês e português (BENTO, 2010, p. 11).

Conforme citado a acima, a África é um grande continente ocupado por diversos povos com climas, línguas, fauna, flora e culturas diferentes. Neste sentido, o pano sendo objeto desta pesquisa, de modo geral é usado na maioria dos países desse continente, e desempenha múltiplas funções importantes a depender do seu uso para cada sociedade. Além de servir como vestimentas em algumas sociedades africanas, o seu tamanho e ornamentação, demonstra a classe social (BENTO 2010).

No entanto, o nome e o significado atribuído ao Pano variam de acordo com localidade, onde são fabricados e/ou incorporados, de acordo com suas histórias, dinâmicas de uso e costumes.

Bento (2010) aponta que o continente africano, sendo vasto, nos oferece muitas diversidades culturais e uma diversidade em termos de panos, que carregam ricas simbologias, capazes de desvendar a alma de seus ancestrais. Por exemplo, destaca-se alguns países: no Mali o nome atribuído ao pano é *Bogolam*, *Adinkra* na Gana, *Adire* na Nigéria.

Por outro lado, esses panos também são usados em outros países, como Moçambique onde carregam significados e simbologias, segundo suas tradições, e é conhecido por *Capulana*. Assim sendo, é instrumento muito importante uma vez que representa uma parte da cultura local, que nasceu a partir do legado das relações comerciais feitas com povos asiáticos e árabes que levavam os tecidos para serem trocados por ouro e marfim nos períodos coloniais. Desde então esses panos são adaptados às vestimentas tradicionais da cultura moçambicana (CAMPOS, 2013, p 4).

Todavia, a *capulana* é utilizada no cotidiano moçambicano, ela também tem sua representatividade específica em diferentes ocasiões e locais naquela sociedade, ela é utilizada nas festas, assim como nos momentos fúnebres e cerimônias religiosas. Nas

datas festivas, utilizam principalmente as de cores fortes e as amarram com um *mucume*², traje especial confeccionado por duas ou mais *capulanas*:

Nas ocasiões fúnebres, as *capulanas* são em cores escuras e o *mucume* não é amarrado e sim utilizado como uma cobertura, com isso a *capulana* torna-se grande e encobre todo o corpo. As viúvas tradicionalmente devem usar uma *Capulana* cobrindo a cabeça e o rosto, com intuito de esconder o choro. (CAMPOS, 2013, p. 5).

Assim, como foi argumentado acima, os panos são de extrema importância nas sociedades africanas.

A Guiné-Bissau sendo um país de pequena parcela territorial do vasto continente africano, não foge à realidade. As diversidades culturais são manifestadas em diferentes quadrantes, também se apropria do uso desses panos. Como aponta Candé Monteiro (2013). É possível identificar as diversidades, ou seja, a Guiné-Bissau é um país multiétnico, contando com mais de 39 grupos étnicos espalhados em todo território nacional. Importante salientar que, cada etnia possui suas singularidades distintas em termos de costumes e ritos.

Diante disso, o uso de panos na sociedade guineense, varia muito de configuração social de cada grupo étnico. Existem vários tipos de panos na Guiné-Bissau, no qual os seus valores e significados são atribuídos a depender dos grupos étnicos a usarem. Nessa linha, destaco o pano de *Pinti*³, além de ser produzido dentro do próprio país, tem um grande valor e significado no contexto de algumas etnias, no caso *Mandjaku*, *Pepel* e *Mancanhi*⁴

Dentro dessa conjuntura existem vários instrumentos de diferenciação cultural para cada uma das etnias, e o pano constitui um elemento essencial dessa distinção. Nesse contexto, a análise da Odete Semedo (2010), nos permite compreender que o pano não é só um mero instrumento de representatividade, mas simboliza união de uma determinada comunidade.

Entretanto, o uso de pano de *pinti* é muito frequente nessas etnias, ou seja, é um elemento fundamental para as suas marcações identitárias como grupo étnico,

² *Mucume* na sociedade moçambicana é como se fosse lençol, serve para cobrir, assim como para dormir. Ela é dada em datas especiais, principalmente no lobolo (casamento tradicional moçambicana).

³ Pano de *pinti* é um pano típico da cultura guineense, é usado entre os vários grupos étnicos em diversas ocasiões especiais, como no casamento tradicional, nas cerimônias religiosas tradicionais, nos momentos fúnebres, também é usado como lençol para dormir, cobrir ou para enxugar o corpo depois do banho.

⁴ São alguns dos múltiplos grupos étnicos constituintes da Guiné-Bissau.

específico, dentre os demais. Ele exerce múltiplas funções importantes em diversas ocasiões especiais e tradicionais de cada grupo étnico, não obstante ser uma peça fundamental na representação da cultura guineense de modo geral.

O pano de *pinti* não é um simples pano para uso como muitas das pessoas pensam, mas algo que dignifica a pessoa na sociedade pela sua posição social, simboliza amor, amizade, gratidão, além de ser é sagrado etc. (COSTA, 2017, p.5).

Conforme citação acima, percebe-se que esse pano carrega simbologias importantes. Segundo o mesmo autor, ele é presenteado a uma mulher recém-casada por vários motivos, pois tem uma relevância e acepções no social dessa etnia, onde cada pano exerce um código e significado dentro dessa sociedade, que só se consegue ser entendida por pertencentes a mesma comunidade.

Có (2019), argumenta que o pano de *pinti* é muito importante no ritual de casamento de etnia *Pepel*, assim como no cumprimento de luto da etnia *Mancanhi*, nas quais os valores e significados são transmitidos e entendidos pela sociedade. Segundo a mesma autora, para esses grupos étnicos, a depender das circunstâncias em que são usados, o pano acaba carregando simbologias de acordo com as suas tessituras, texturas e cor. [...] “A mulher da etnia mancanha, que está de luto, não precisa expressar, através de palavras, que está a cumprir esse ritual [...] o pano *miada* que ela traz à cintura já o diz, pois simboliza o luto” (CÓ, 2019, p. 15).

Ainda a autora salienta de que se observa uma grande simbologia no contexto social da etnia *Pepel*, no que tange ao uso de pano de *pinti*. O uso do pano de *pinti* preto, para uma menina dessa etnia, revela um significado que já é conhecido por esta sociedade local, conseqüentemente, anulando a necessidade de explica-lo, pois, o pano nesse contexto fala por si só (Idem, p 15).

Portanto, percebe-se, de forma clara o valor inconfundível do pano de *pinti* para cada uma desses grupos, concernente ao seu valor de uso e significados entre elas. Além disso, esse pano, “exerceu um importante papel no período colonial na Guiné-Bissau, serviu de moeda de troca do povo local para os comerciantes estrangeiros” (COSTA, 2017, p. 7).

Apesar de o Pano, no qual esse trabalho se assenta, não seja oriundo da Guiné-Bissau, porém são utilizados como vestimentas especiais para algumas etnias presentes no país, no caso, *Fulas* e *Mandingas* e os demais grupos étnicos, que professam a

religião muçulmana. Então, por ser comercializado por alguns países vizinhos, Senegal, Nigéria, Guiné Conakry e Gâmbia, ele constitui um valor significativo dentro da sociedade guineense. Além de, expressar um valor simbólico e significativo específicos para essas etnias, por exemplo, no ritual de casamento, ele é ofertado como uma parcela do dote, bem como é usado para fazer roupas, que geralmente são vistas como vestimentas adequadas para momentos de suas rezas e não só como para celebrações das datas comemorativas. A sua utilização se estende para o uso cotidiano da população em geral, que de certa forma incorpora-se à cultura guineense.

Num panorama geral, verifica-se que os panos, tem grande importância nas sociedades africanas, a depender do seu contexto de uso, no que diz respeito ao valor e significados atribuídos.

Na minha trajetória, Guiné-Bissau/Brasil, pude observar as modificações, ou seja, novas significações concernentes ao uso dos panos, no tocante ao seu valor e representatividade cultural, por parte dos estudantes guineenses. Esses panos são vistos no contexto brasileiro como uma forma de identificação, enquanto guineenses e africanos como um todo. E, em vários ambientes, esse pano é usado como uma representatividade africana, por exemplo, nas mesas de debates, no ato solene de formatura, também nos espaços culturais.

Diante disso, meu interesse sobre o tema surgiu na tentativa de compreender o sentido de mudança dos significados dos panos em relação ao seu valor e significado existente na Guiné-Bissau. Para isso, faz-se os seguintes questionamentos: quais as razões que levaram os estudantes guineenses a usarem os panos como uma marca identitária? Qual o sentimento que está no imaginário dos estudantes guineenses quando usam tais panos para mostrarem suas particularidades?

Dado a essa problemática, o presente trabalho, propôs como o objetivo principal compreender como se dá o processo de reafirmação da identidade através do uso dos panos entre os estudantes africanos, em particular os guineenses, na sociedade brasileira.

Para tanto, a pesquisa tem como hipótese principal, trazer à tona a valorização e reconhecimento da identidade africana através dos panos no Brasil/Ceará, em específico na Unilab.

Considerando o exposto, evidentemente, todo trabalho científico requer um processo metodológico, a fim de conduzir a pesquisa a um determinado resultado, nessa ótica, nosso trabalho seguirá a abordagem qualitativa que nos permite elucidar os objetivos delineados. Alia-se a esse método a pesquisa bibliográfica e documental, bem como as entrevistas semiestruturadas, com questões abertas que nos possibilitarão ter acesso a leque de informações sobre o fenômeno em estudo. Os questionários serão direcionados aos estudantes guineenses, para averiguarem através dos seus depoimentos o processo da identificação ligado aos panos.

A pesquisa contará com alguns autores que trabalham assuntos que dialogam com o tema, para isso, recorreremos aos pensamentos dos autores, Manuel Castells (1942), Stuart Hall (2009), Tomaz Silva Tadeu (2011) dentre outros, que auxiliarão na definição das identidades. Os conceitos defendidos por tais autores possibilitarão a compreensão do fato em estudo. Também consultaremos artigos, livros, revistas, dissertações e teses que nos permitem fazer uma análise reflexiva, a respeito do assunto em discussão.

Além das partes concernentes ao projeto de pesquisa, traremos um esboço de três capítulos. O primeiro abordará sobre a origem dos panos, sua utilização em algumas sociedades africanas, em termos dos seus valores significados e simbologias. Já o segundo capítulo visa discutir questões relativas às construções de identidades dos estudantes guineenses e a relação com os panos, no âmbito da Unilab, a partir do pensamento dos autores já mencionados neste projeto. Por fim, o último capítulo, fará uma abordagem sobre o olhar dos brasileiros sobre a África e dos africanos.

2. Problematização

Após a escolha do tema *O Pano Africano como Reafirmação da Identidade dos estudantes guineenses da Unilab Ceará*, as minhas observações se ampliaram sobre a valorização dos panos africanos, dado que em eventos de caráter formais, tais como: formatura, mesas de debates e em espaços culturais, os panos são tidos como símbolos de representatividade africana.

Na busca por entender os motivos que levaram os panos africanos a se constituírem como outra forma de apreciação e valorização pelos estudantes guineenses, surgiram os seguintes questionamentos:

- Quais são substanciais para as investigações do estudo em pauta, tais como: o que está na base de mudança de olhar sobre esses panos africanos?
- De que maneira o pano africano representa a identidade africana enquanto guineense na diáspora?
- Até que ponto pode ser um marcador social da identidade africana no contexto brasileiro?

Os questionamentos acima referidos são inquietações que impactaram no desejo e no interesse pelo estudo já mencionado. Nessa ótica, salientamos que esse trabalho não tem propósito de desvalorizar outros tipos de panos, tampouco reduzir outras formas de representações e significados culturais identitário, no entanto, a escolha do pano africano se deu pelo prestígio de ser africana.

3. Objetivos

3.1 Objetivo Geral

- ❖ Compreender os mecanismos pelos quais se dá o processo de reafirmação de identidade dos estudantes guineenses através do pano africano.

3.2 Objetivos Específicos

- ❖ Identificar o significado atribuído aos panos africanos pelos estudantes guineenses como marcador social;
- ❖ Entender as razões pelos quais o pano africano é usado como uma marca identitária pelos estudantes guineenses;

- ❖ Analisar o significado atribuído ao pano africano no contexto social brasileiro.

4. Hipótese

O pano africano tem grande importância e um valor muito substancial na construção sociocultural das sociedades africanas. Além disso, exercem um papel não menos importante fora do seu contexto de origem, tendo em vista os seus impactos sociais nas diásporas, como um marcador social das identidades africanas. Desta maneira, tomamos como a hipótese principal do projeto:

- A valorização da cultura e reafirmação da identidade africana enquanto guineense na diáspora.

Entretanto outras hipóteses subjacentes e igualmente importantes podem influenciar a escolha de uso do pano africano como um marcador para reafirmação da identidade enquanto guineense no Brasil/Unilab, consequentemente na diáspora:

- Sentimento de não pertencimento no espaço brasileiro –UNILAB em que os estudantes guineenses estão inseridos;
- Resistência face aos preconceitos étnico/racial presentes nesses espaços;
- Valorização da identidade africana na diáspora.

Considerando o exposto, sobre a importância dos panos africanos, sua função e o seu valor nas sociedades africanas, soma-se às referidas hipóteses, a luta para desconstrução dos preconceitos e estereótipos agregados ao ser africano, além do mais, as suposições acima ao serem investigadas podem elucidar de forma ampla os valores acerca do lugar de pertencimento originário e, consequentemente, enaltecimento do próprio continente africano.

5. Justificativa

Como já foi dito anteriormente, na sociedade Bissau-guineense existe vários tipos de panos. Muitos são originários do próprio país, como é o caso do pano de *pinti*. Os demais são comercializados por vários comerciantes estrangeiros dos países

vizinhos, tais como Senegal, Gambia e Guiné Conakri. Cada pano de *pinti* apresenta uma determinada simbologia ligada à cultura de cada grupo étnico presente em Guiné-Bissau.

Na etnia *Mandjaku* o pano de *pinti* é uma peça fundamental nas práticas culturais desse grupo étnico. Seu uso expressa diversas formas de simbologias, como amor, amizade, compromisso, honra, em contextos diferentes. Além disso, nas datas comemorativas, são extremamente importantes, como por exemplo, nos casamentos tradicionais, nas cerimônias religiosas, assim como nos rituais fúnebres. As estruturas e categorias sociais do grupo étnico *Mandjaku* são regidas por pano de *pinti*, pois representam simbologias específicas inconfundíveis dentro dessa comunidade, nesse contexto. Como mostra a citação abaixo.

É [...] algo que dignifica a pessoa na sociedade pela sua posição social, simboliza amor, amizade, gratidão, além de ser é sagrado etc. Ele é dado à uma mulher no casamento por vários motivos, visto que tem muita relevância e acepções no contexto social e cultural desta etnia (COSTA, 2017 p. 5).

Como salientado na citação acima o pano de *pinti* é utilizado em ocasiões especiais, para etnia *Mandjaku*. Além disso, tal pano expressa diversos sentimentos, tornando-se assim único dentro desse grupo. Cada pano expressa o seu código e significado na sociedade, que só pode ser entendido pelos pertencentes da comunidade, pois é difícil ser entendido por outras pessoas que não pertencem a esta comunidade. Os panos falam por si, as mensagens são passadas através dos desenhos ou artes que os tecelões produzem. Geralmente as mulheres desenvolvem-no para transmitir as mensagens nos diversos contextos sociais (idem, 2017).

Com isso, percebe-se o quão importante é o pano de *pinti* nessa sociedade. O seu uso estende-se as cerimônias de nomeações presidenciais, tomada de posses do governo e também em outros espaços de caráter formais, como inauguração de instituições, homenagens, etc. Por outro lado, os demais panos presentes no país são importantes, de acordo com o contexto em que é utilizado.

Entretanto, tanto o pano *pinti* quanto os demais panos que são geralmente utilizados pela população na Guiné-Bissau, desempenham suas funções no imaginário de sua gente, contudo, essa pesquisa se direciona para os panos que são usados corriqueiramente pela população. Esses panos também expressam valores étnicos e

sociais para algumas etnias, principalmente *Fulas* e *Mandingas*. Do ponto de vista cultural, o pano carrega simbologias específicas dentro de suas estruturas enquanto grupos étnicos. Verifica-se deste modo, o seu uso em diversos ambientes do âmbito religioso, especialmente nas festas de *Ramadan*, *Tabaski*, nas festas de grupos de associação de mulheres e também nas cerimônias de casamento tradicional.

De certa maneira, esse pano além de ter seus valores particulares e específicos nessas etnias, também transcendem as estruturas, ou seja, ultrapassam o contexto do seu uso dentro delas, dado que o tal pano também se insere no uso cotidiano das demais etnias, da população em geral e em diversos contextos. Seu uso se enquadra como elemento de diferenciação entre os demais grupos, nos momentos de comemoração de um determinado evento social: casamento civil, aniversários e nos eventos por grupos de *mandjuandadi*⁵.

Portanto, num panorama geral, esses panos apesar de serem oriundos dos outros países e trazidos para Guiné-Bissau por vários comerciantes estrangeiros, também são comercializados pela população guineense, em sua maioria os *Fulas* e *Mandigas*, assim como os panos de *pinti*. Entretanto, esses últimos são originários e feitos dentro do próprio país, principalmente pela etnia *Mandjaku* e *Pepel* na zona litoral (APANARIA, 2013).

Além dos seus valores étnicos específicos os panos também constituem um valor no âmbito nacional e, de certa maneira fazem parte do patrimônio cultural guineense através de suas mercantilizações em várias regiões do país, incluindo o capital Bissau.

Considerando o exposto, interesse pela temática relacionada ao pano, nasceu através das minhas observações na Unilab, entre os estudantes africanos/as, de diversas nacionalidades, principalmente os guineenses. Ademais, pude constatar a grande admiração do povo brasileiro pelos panos, conhecidos, pela designação de “pano africano”. Inclusive na Unilab alguns estudantes brasileiros pedem como oferta as roupas feitas desse pano e o próprio pano em si, incluindo os professores que muitas vezes os encomendam da Guiné-Bissau.

⁵ Mandjuandade é um grupo cultural da Guiné-Bissau, composto por mulheres e homens, jovens e adultos que se organizam para criar cantigas, ritmos e danças.

Por conseguinte, a escolha do tema justifica-se pela minha vivência no Brasil-Ceará, onde posso supor que há a uma grande admiração dos brasileiros daquilo que se considera “pano africano”. A partir da valorização dada a tais panos, os alunos e alunas guineenses usam com mais frequência, como forma de identificação. Soma-se a essa justificativa uma auto-reflexão concernente ao uso desse pano, através dos frequentes elogios recebidos por parte dos estudantes brasileiros, dos professores e principalmente os estudantes guineenses, assim como as demais nacionalidades africanas que compõem a Unilab, tais como, angolanos, moçambicanos, santomenses, cabo-verdianos, timorenses e brasileiros.

A partir do exposto, o objetivo principal é compreender como se dá o processo de reafirmação da identidade através do uso dos panos africanos entre os estudantes africanos, em particular os guineenses. Tendo verificado que em muitos eventos realizados dentro e fora da Unilab, bem como em eventos culturais, os estudantes guineenses usam o pano como forma de representação da identidade africana. Além disso, nota-se grande incentivo para que haja mais uso do pano, o que de certa forma pode ser considerado como representatividade, revelando a sua importância em diversos espaços, tanto de caráter formal ou informal.

Apesar dos fenótipos e a cor da pele apontarem para africanidade, o uso do pano africano complementam os valores e símbolos identitários dos estudantes guineenses, por conta disso, a utilização de tais panos no Brasil (Unilab), tende a aumentar cada vez mais.

Levando em consideração o argumento acima exposto, a pesquisa que pretendemos desenvolver consiste em trazer à tona a valorização e reconhecimento da identidade africana através dos panos africanos no Brasil/Ceará, em específico na Unilab. Para tanto fazemos as seguintes questões: quais as razões que levaram os estudantes guineenses a usarem os panos africanos como uma marca identitária? Qual o sentimento que está no imaginário dos estudantes guineenses quando usam tais panos para mostrarem suas particularidades? Por isso, torna-se imprescindível a análise da importância dos panos africanos dentro do contexto da realidade brasileira, com intuito de compreender até que ponto esses panos podem ser um marcador identitário.

Acredito que, esse trabalho, substanciará de modo proficiente as bibliografias dos estudos sobre panos africanos em linhas identitária, visto que, salvo engano, existe

pouca produção dos trabalhos acadêmicos sobre a temática. Ademais, acredito que através dessa pesquisa se abrirá novas perspectivas sobre o uso dos panos africanos na diáspora, tentando ampliar mais conhecimentos acerca de sua trajetória histórica, sua origem, valores e significados. Espera-se ainda que a realização desta investigação possa servir para a desconstrução dos preconceitos ligados às identidades africanas na diáspora e em sociedades racistas, como a brasileira.

6. Referenciais Teóricos

6. 1 O Pano Africano e as Sociedades Africanas

6. 2 Origem dos Panos

Nesse capítulo o foco é mostrar a origem dos panos, os significados e simbologias em algumas sociedades africanas de uma forma geral.

O continente africano é imenso, sendo possível observar mais de 1500 idiomas e línguas locais diferentes, tornando-se o continente num caldeirão multicultural. (BENTO, 2010). Diante dessa diversidade, cada povo apresenta suas diferenças através de modos de vida. Assim, nas sociedades africanas é possível encontrar costumes e modos de vidas diferentes, que são construídas baseadas nas suas histórias que marcaram suas vidas ao longo do tempo.

Dentro de suas particularidades, existem instrumentos primordiais que delimitam suas fronteiras, marcam e especificam suas vivências, culturas e crenças. Nessa linha, destacamos um dos instrumentos muito importante para demarcação dos povos africanos, que são os panos, para Martins, (2014, p. 6), “os tecidos se originaram da necessidade de conceber proteção ao corpo humano e, mesmo com a sua história fundamentada em funções práticas, assumiram como propriedades de destaque, a função estética e a simbologia”. Com isso, vale ressaltar que se trata dos principais panos que se encontram na África Ocidental, e em alguns países, como Gana, Mali, Nigéria, Guiné-Bissau, Angola, Senegal, Gâmbia, dentre outros.

Existem vários fatos que dão conta sobre o seu local de origem, pois alguns autores estimam que os panos têm origem na África e, posteriormente, comercializada para outras partes do continente, alguns acreditam que esses panos são originários de outros países da Europa, e consequentemente chegou ao continente africano.

Segundo Martins (2014), a produção dos panos começou desde muito tempo, devido ao cultivo de algodão, já tecido nos meados do século IX e X na África tropical, comercializados por muitos povos na África Ocidental, que também os recebiam “vindo do Oriente por portugueses como troca por escravos e ouro”, (MARTINS, 2014 p. 96).

Desde o Antigo Egito, como aponta Bento (2010), os panos são produzidos no continente africano e exportado para Europa entre os séculos XIV e XIX. No entanto a produção dos panos já era feita há mais de mil anos, salienta a autora.

Todavia, a *Adinkra*, o nome pelo qual é dado ao pano em Gana, *Bogolan* no Mali e *Adire* dos Iorubas na Nigéria, são instrumentos fundamental na construção de suas identidades como um povo (Idem, 2010).

Figura: 1 *Adinkra* (Ghana) Fonte: internet



B

Figura: 2 *Bogolan* (Mali) Fonte: internet

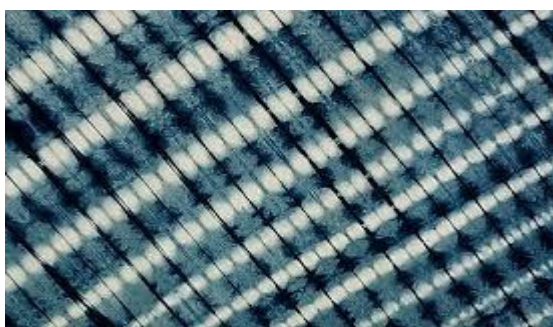


Figura: 3 *Adire* (Nigéria), Fonte: internet

Em outros países, no caso da Guiné Bissau, é conhecido por vários nomes, *vaksy*, *legos* e *bazam*. Já em Moçambique por *capulana*, em Angola por *galadés*. Assim, em cada lugar o pano recebe um nome, mas exercem influência na construção da identidade de cada um desses países.

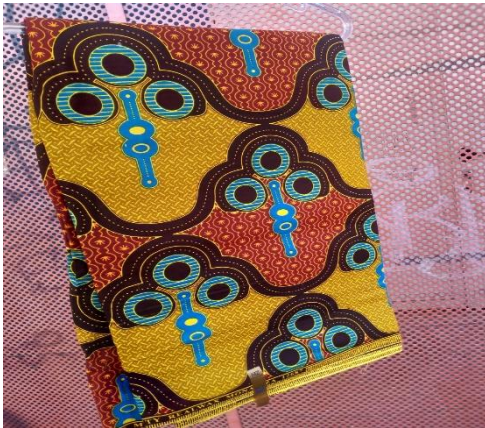


Figura: 4 *Capulana* (Moçambique), Fonte: internet



Figura: 5 *Galades* (Angola, Fonte internet)



Figura: 6
Vaksy, legos (Guiné-Bissau)
Fonte: internet

6.3 Valores e significados

Como foi salientado no tópico anterior, os panos africanos expressam valores e significados em cada uma das sociedades, onde é produzido e/ou usado, apesar de pertencerem o mesmo continente. Nestas sociedades, o valor e simbologia atribuído aos

panos são meramente distintas. Os panos são feitos de algodão com desenhos e texturas diferentes, a depender do local onde é produzido.

Por isso, como argumenta Bento (2010), os panos além de serem usados como vestimentas, desempenham papéis extremamente importantes nestas sociedades. São vistos como símbolos de prosperidade para o grupo; sua qualidade, ornamentações e o tamanho dos trajes revelam a classe social de pessoas pertencentes a cada uma das localidades. Cada símbolo possui um nome derivado de um provérbio, atitude humana, evento histórico, ou comportamentos, seja de animal ou de vida vegetal e formas de objetos inanimados e artificiais.

Salienta-se que, os símbolos escritos nos panos e as estampas⁶ refletem um sistema dos valores universais humanos, família, integridade, pois existem várias simbologias de origem ancestral, passadas de geração em geração.

Os panos carregam uma rica simbologia, capaz de decifrar a alma de povos ancestrais. A cultura deste tecido para os africanos é tamanha que para cada evento realizado há uma estampa referente ao acontecimento, além das cores que fazem parte dessa distinção (BENTO, 2010, p. 6).

Baseado nessa argumentação, vê-se a importância dos panos no âmbito da relação de poder, o que significa dizer, os panos africanos, serviam de vestimenta, e os mais preciosos são usados pelos reis, rainhas e chefes de estado para exibir seus status social.

Os padrões nele gravado transmitem histórias, costumes e locais das suas culturas, tornando num meio de comunicação social subjetiva. Esses padrões revelam sempre papéis importantes, pois até servem para garantir a segurança da comunidade, com ele é fácil detectar o intruso. Além disso, os trajes sempre foram vistos como símbolos da identidade do grupo. Para a realeza, eram usadas as cores exclusivas simbolizando os status de poder (Bento, 2010).

Isso nos faz entender os significados e os valores distintos desse valioso instrumento, que é muito importante na formação das sociedades africanas de acordo com suas ideologias.

6.4 Trajetória

⁶ Estampas são os ornamentos, ou seja, os enfeites colocados nos panos para realçar a sua beleza.

No que se refere ao percurso histórico dos panos referente ao lugar exato da origem da sua produção, as pesquisas de Martins (2014) e Bento (2010), nos mostram que é um fato incerto, devido a sua produção nos diversos países da África Ocidental, e sua comercialização para diferentes lugares antes e no período colonial, também depois desse período. Apesar de suas raízes existentes em vários lugares do continente, contudo, são usados e incorporados à cultura de outros países africanos, a exemplo de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, e os demais.

Entretanto, a reinvenção de suas “tradições” e suas simbologias, associadas aos costumes de outras localidades, se deu devido a sua comercialização por toda parte da África.

Baseando nos argumentos acima mencionados, pressupõe-se que, os panos chegaram à Guiné-Bissau através dos comerciantes dos países vizinhos, Gâmbia, Senegal e Guiné-Conacri. A partir disso, as “tradições” dos panos são reinventadas, ganhando uma nova característica através das dinâmicas culturais, faz com que seja visto como patrimônio cultural guineense.

6.5 O Pano Africano: Reconstrução de um Referencial Identitário

Nesse tópico, a preocupação central é a ressignificação dos valores iniciais dos panos feitos por alguns países africanos, como Gana, Mali e Nigéria. Atualmente está sendo usado como representatividade africana no contexto da diáspora, pelos estudantes guineenses, que em Guiné-Bissau conhecida por outros nomes, *vaksy*, *legos* e *bazam*. Entretanto, vê-se que no continente africano, os panos sempre foram e ainda são importantes na construção de suas sociedades. A forma de vestir é fundamental na distinção dos povos africanos. Mesmo com as suas peculiaridades distintas, a preocupação com o visual, constitui a essência dos povos africanos.

Por conseguinte, as discussões sobre as identidades, tem sido muito frequente no contexto atual, nos espaços acadêmicos, também o sistema de globalização tem contribuído bastante para as reivindicações identitária, gerando mudanças de padrões, como descreve a autora abaixo:

A globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. [...] de forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade (WOODWARD, 2011, p. 21).

As práticas culturais que atravessaram o Atlântico acabam adquirindo outros significados e por outro lado construindo novas representações, consequentemente criando identidades. “na condição da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (Hall, 2009, p. 26). Essa dispersão das pessoas em torno do globo produz identidades que são moldados e encontrados em diferentes espaços e por diferentes lugares (Woodward, 2011).

Entretanto, a identidade pode ser entendida, como conjunto de valores e crenças compartilhadas por um determinado grupo de pessoas. São peculiaridades que aproximam os indivíduos de uma comunidade, e ao mesmo tempo as diferenciam das outras (Almeida, 2014). Também “identidade é uma fonte de significação e experiência de um povo, um processo de construção de significados com base em um atributo cultural” (CASTELLS, 1942, p. 22).

Nessa perspectiva, o uso dos panos nasceu de um sentimento de reconhecimento, que resultou das vivências e experiências compartilhadas, por estudantes guineenses em diversos espaços acadêmicos e socioculturais, demarcando suas particulares e distinções, enquanto guineenses/africanos. Por isso, a tendência do uso dos panos africanos entre os estudantes guineenses, mostram que este é uma forma de reconstruir uma identidade, independentemente das pertencas étnicas.

Com base nisso, Woodward (2011, p. 67) considera que, “a identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas” e surgem novos movimentos sociais, no contexto de reconstruções globais das identidades nacionais, étnicas e da emergência, os quais estão preocupados com reafirmação das identidades pessoais e culturais (Woodward, 2011).

Na Unilab os estudantes tendem a se posicionar em defesa das suas identidades. E, nesses espaços são vistas múltiplas formas de se identificar, ou seja, de se auto afirmar e assumir suas identidades, visando a desconstrução dos preconceitos e discriminações atrelados aos negros⁷. Por isso, a identidade na concepção do Silva (2011), é construída pelos atores sociais, no contexto de relações sociocultural. Ela também marca da diferença criada social e culturalmente (Silva, 2011). Por conseguinte, dado ao processo da travessia do Atlântico em busca da formação superior, os estudantes guineenses, assim como outras nacionalidades inserem nas múltiplas formas identitárias, o que lhes possibilitam conhecer novas culturas.

⁷ Segundo Albuquerque e Filho (2006), o termo negro é usado no Brasil, de forma enfática em detrimento das palavras mulatas e mestiços, é um indicativo para redimensionar a questão racial.

Nessa perspectiva, podemos entender que, a reafirmação identitária através dos panos africanos revelam as distinções dos estudantes guineenses em relação aos brasileiros. Desta forma:

Uma identidade é construída e reconstruída a partir da diferença, pois se encontram numa relação de estreita dependência, aquilo que sou ou somos, e aquilo que não sou ou não somos. [...] a identidade e a diferença se traduzem, assim, em declaração sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” [...] (SILVA 2010, p. 86).

A partir desta citação percebe-se que, a identidade cria vínculos de pertencimento entre os cidadãos do mesmo grupo, ao mesmo tempo, por conta das diferenças separa os grupos.

Todavia, as identidades parecem invocar uma origem que existiria em um passado histórico, com o qual elas continuariam a sustentar uma certa conformidade. Para Hall (2011, 109), essas identificações têm a ver, “com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura, para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos”.

Nesse sentido, nos faz compreender que os panos africanos, são usados pelos estudantes guineenses como uma forma de “resgatar” as culturas africanas, ao serem usados nos espaços sociais e nas ocasiões especiais, como formaturas, conferências, mesas de debate, dentre outros. Isso demonstra a valorização dos traços culturais africanos, quebrando os estigmas, ao mesmo tempo, demarcando suas particularidades, sustentando uma identidade africana como um todo, dentro da sociedade brasileira e, consequentemente uma ressignificação identitária através dos panos.

Com isso, para Berger e Luckmann (1966), a identidade por ser evidentemente um elemento chave da realidade subjetiva, é formada por processos sociais. Uma vez concretizado, é sustentado, modificada ou mesmo reformada pelas relações sociais.

Entretanto, com base nas relações sociais que os panos africanos evidenciam a reconstrução de um referencial identitário.



Figura: 7. Evento cultural de estudantes da Unilab-Ce. (Fonte facebook, página de associação dos estudantes guineenses da Unilab).



Figura: 8. Foto tirado na Formatura Unilab-Ce. (Fonte: facebook, página de Artguimodelafri).



Figura: 9. Foto tirada na oficina “Vidas negras importam” no Município de Horizonte, do terreiro quilombola em Porto Alegre (Horizonte/Brasil-CE). Fonte: Google docs.

6.6 A Imagem da África e do Africano no Brasil

No âmbito da relação África e o mundo, MBokolo (2008) considera que este continente se abriu ao mundo desde os primórdios, rejeitando as teses preconceituosas que elucidam a África como um continente fechado e isolado e, em paralelo com a ideia da África sem História. “O problema posto nessa lógica interpretativa possibilita que o discurso no caso a África, seja enquadrado no grau inferior de uma escala evolutiva que classifica os povos como primitivos e civilizados” (HERNANDEZ, 2008, p.18).

Falar da África nos coloca diante de uma enorme responsabilidade no sentido da discussão não contemplar as peculiaridades do continente, se levarmos em consideração a sua dimensão territorial. Nessa ordem de ideia pode-se dizer que, algumas realidades são idênticas quando se trata do processo colonial. A relação África com o Brasil se deu a partir do momento em que, os portugueses ocuparam os dois espaços, concretamente no século XVI, com a vinda dos primeiros escravizados africanos (VISENTINI, 2014).

Desta forma, a relação do africano com o novo mundo se deu a partir do processo escravocrata. Assim sendo, o número de africanos trazidos para as Américas é incerto, mas de acordo com Caxile, Fialho, Santana et al (2014) estimam-se que, do

século XV a XIX 10 milhões de africanos foram trazidos para América, naquilo que se considera maior imigração transoceânica.

Em contraposição ao dado acima exposto, do século XVI a XIX 11 milhões de homens, mulheres e crianças foram transportados para a Américas. De certa forma, este número não contempla os que não conseguiram aturar o processo cruel de captura, (Albuquerque e Filho, 2006).

Com relação ao território denominado hoje de Brasil, até 1850 quando se deu o fim do tráfico atlântico, o número de africanos que entraram neste território girava em torno de “3.500.000 e 3.600.000, totalizando 38%”, (Caxile, Fialho, Santana, 2014, p.19, apud Mattoso, 2003).

Quanto à Ceará onde permanece o mito de não existência de negros. Oficialmente, a Capitania de Ceará registrou a entrada de negros para trabalharem nas minas de São José do Cariri no século XVIII, a chegada de alguns negros ocorreu por conta das fugas, visto que o Ceará apresentava ambiente favorável de estadia (idem, 2014, p. 24).

Baseando no argumento acima exposto, vê-se que, a partir do atlântico negro, o território africano transcende seu espaço tendo em conta afirmação da identidade africana na diáspora e, conseqüentemente novas dinâmicas do ponto de vista identitário baseado na sociabilidade com o novo mundo, especificamente o território conhecido hoje como Brasil. Os africanos trazidos na condição de escravizados além de trabalharem arduamente e servirem a agenda escravocrata, foram importantes na difusão da cultura, filosofia, arte e ciência, os valores que contribuíram na formação da identidade brasileira, os denominados de afro-brasileiros.

As contribuições africanas em diferentes quadrantes foram registradas em Kabengele Munanga (2009) no livro origens africanas no Brasil contemporâneo histórias, línguas, culturas e civilizações, ao apontar as resistências linguísticas culturais que caracterizam as contribuições, a partir de três áreas geográfico-cultural: a área ocidental, zona do Sudão ocidental e a área dos povos da língua banto.

O racismo herdado por europeus rejeitou categoricamente as contribuições dos afro-brasileiros na sociedade brasileira, a negação das heranças históricas, assim como, identidade de grupos e conseqüentemente seus valores.

O negro não somente é negado sua raça, mas também em sua história, em sua língua, em sua arte etc. Essa segunda negação minimiza e desvaloriza na dignidade de suas heranças histórica e cultural. De tal operação de desvalorização derivam a discriminação e a dominação cultural. O racismo apresenta-se, então, como a configuração de superioridades intelectuais e civilizatórios do Ocidente em relação às culturas de origem africana ou indígena. E mesmo quando é reconhecida a contribuição dessas culturas à matriz nacional brasileira, a cultura ocidental coloca-se, automaticamente, como a melhor, (D'ADESKY, 2009, p. 72).

A referida desvalorização da fortaleza cultural dos afro-brasileiros, faz com que o negro não seja visto na sociedade brasileira contemporânea como sujeito que produz o conhecimento, e o seus valores civilizatórios não contribuem para o progresso social da sociedade brasileira. Por conseguinte, o negro por vezes, é visto como indivíduo de segunda classe de tendo em conta os horrores da escravidão, (HERNANDEZ, 2008).

Por conta dessa negação, “o branqueamento” não é visto apenas como uma necessidade da limpeza da “raça”, mas sim a exclusão daqueles que não representam o desenvolvimento, assim como a civilidade, com isso “a inquietação em resolver o problema do “negro” traduz-se em ações para eliminar aquele que causava desconforto” (PACHECO e SILVA, 2007, p. 127).

Nesse quesito, é extremamente importante referenciar que a mídia brasileira age com a população negra como se não existisse, essa invisibilidade contribui na exclusão desse grupo social, importa salientar que os programas televisivos reforçam os estereótipos, (D'ADESKY, 2009).

Nesse âmbito, a discriminação e o preconceito não se enquadram apenas nos afro-brasileiros, mas se estende ao lugar de origem desse povo, nesse caso a África, onde sua imagem é vista de forma negativa. De certa forma, a mídia é o propagador da imagem destorcida do africano e da África. Através disso, o continente africano é tratado como um país. Além do mais, os livros didáticos também reforçam os estereótipos.

De acordo com Visentini (2014) a relação ou vínculo entre a África e Brasil se rompeu com o fim do tráfico humano. Após a independência do Brasil, as relações foram restabelecidas “o ápice a partir do governo Lula, com a política externa “ativa e afirmativa” (VISENTINI, 2014, p. 188).

Se no passado a relação entre a África e o Brasil emergiu do processo escravocrata, ou seja, a migração forçosa ocasionada pelo mercantilismo, hoje assiste a inversão histórica. Os africanos imigram para o Brasil na condição de estudante, uma possibilidade criada através da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab, com isso não pretendemos afirmar que esta foi a primeira instituição a possibilitar esse encontro no âmbito educacional, mas permitiu a massiva vinda dos africanos nas Universidade Federais brasileiras.

Desta forma, o estranhamento do negro reside no imaginário de toda a classe social porque não encaixam nos padrões da modernidade (Guimarães, 1999). Nesse ensejo, o movimento negro prega pela preservação identitária como forma de luta antirracista, (D’ADESKY, 2009).

Tendo em conta o racismo, preconceito e discriminação racial, o africano ao chegar no Brasil a sua percepção inicial começa a sofrer alteração. Em África a nomenclatura “africano” tem menos importância, porque a nacionalidade e etnicidade são fatores de diferenciação entre os países existentes no continente. Por conta dessa nova nomenclatura, Kwame Anthony Appiah (1997) mostra que nem sempre essa nova identidade nos deixa satisfeito.

Considerando toda as discussões sobre a África e como os africanos são vistos no Brasil, também diante do sistema de racismo, preconceitos vividos na sociedade brasileira, os estudantes guineenses buscam através dos panos africanos reafirmarem suas identidades enquanto africanos.

Essa identidade é de um tipo que devemos continuar a reformular. Ao refletir sobre como havemos de reformulá-la, seria bom nos lembrarmos de que a identidade africana é, para seus portadores, apenas um dentre muitas (idem, 1997, p. 246).

É nesse sentido que, Nilma Limo Gomes (2017) afirma o surgimento de vários movimentos sociais em busca de reconhecimento das identidades negras e africanas sob várias formas de representações, “rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre o negro, sua história, cultura, práticas e conhecimentos” (GOMES, 2017, p. 22).

Esses movimentos, tem-se manifestado em diversos vertentes para esse reconhecimento, entre os quais: a estética, o uso de cabelo natural, todos como símbolos

na construção identitária. Desta forma, o uso dos panos africanos por parte dos guineenses torna elemento vital no processo de reconhecimento dos valores identitário da África, assim como desmistificar a imagem desse continente.

7. Metodologia

Evidentemente, todo trabalho científico requer uma metodologia, a fim de conduzir a pesquisa a um determinado resultado. Nessa ótica, o nosso trabalho seguirá a abordagem qualitativa, que, na concepção de Creswell (2010, p. 206) consiste no “emprego de diferentes concepções filosóficas: estratégias de investigação e métodos de coleta, análise e interpretação de dados”. A escolha desse método se justifica em função do público alvo, pois acreditamos que a maioria dos africanos/as em especial guineense usa o pano como forma de reafirmar suas identidades, desta maneira, o método qualitativo será o mais apropriado para realização dessa pesquisa.

7.1 Técnica utilizada

Para melhor compreensão da temática em estudo, realizaremos uma pesquisa de cunho bibliográfico, pois consultaremos livros, revistas, teses, dissertações e artigos científicos. Soma-se a isso, à pesquisa do campo, que para Gil (2010) os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis.

Entretanto, aliada à entrevista de natureza semiestruturada, com o público alvo, estudantes e professores da Unilab, por meio de questionários abertos que nos permitem obter mais informações, que na concepção do Gil (2010) é, portanto, uma forma de interação social, e mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Com a execução de tais procedimentos e o planejamento do estudo devem possuir maior flexibilidade, podendo seus objetivos serem reformulados ao longo do processo da pesquisa. Acreditamos que com o desenvolvimento dos procedimentos

metodológicos acima mencionados será possível atingir os objetivos delineados, consequentemente, apresentar um trabalho consistente.

7.2 Descrição do local da realização da pesquisa

Esta pesquisa será realizada nos três (3) campos que compõem a Unilab/Ceará: campus do Liberdade, Auroras e Palmares, situados nas cidades de Redenção e Acarape.

7.3 Descrição e critérios para escolhas dos participantes da pesquisa

Para esta pesquisa participarão alunas e alunos africanos da Unilab/Ceará, especialmente os guineenses. Para participação na pesquisa utilizaremos os seguintes critérios:

- Estar regularmente matriculado na Unilab/CE;
- Ter cursado no mínimo um semestre;
- Usar os panos africanos nos eventos realizados dentro e fora da Unilab.

7.4 Código de ética da pesquisa

No ato do convite para participar desta pesquisa os e as participantes serão informados a respeito de todo o processo, deixando-lhes evidente a possibilidade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, livre de quaisquer penalidades, bem como total voluntariedade e sem custo algum para a participação na pesquisa. Será mantido o sigilo de todas as informações, de toda a gravação, transcrição e até mesmo qualquer conversa informal a respeito, sendo apenas utilizadas para a implementar o estudo e produção de trabalhos científicos.

8. Cronograma

Calendário das atividades	Período					
	1º mês	2º mês	3º mês	4º mês	5º mês	6º mês

Revisão bibliográfica	X	X	X	X		
Fichamentos das bibliografias e recolha dos dados	X	X	X	X		
Pesquisa de Campo		X	X			
Análise dos dados e discussão teórica		X	X	X	X	
Escrita da monografia		X	X	X	X	X
Revisão do texto final					X	X
Apresentação dos resultados ou defesa pública						X

9. Considerações Finais

Os estudos ligados às identidades têm sido muito importantes para as sociedades, pois revela traços que podem auxiliar na vivência em grupo. Se anteriormente no período colonial as pessoas defendiam seus territórios, suas línguas e suas culturas, hoje em dia essa defesa se multiplicou face ao sistema globalizado, onde as tendências identitárias são vistas por diferentes ângulos. Deste modo, os panos africanos se inserem neste contexto para reafirmar ainda mais as identidades. A roupa assim como os panos africanos, ainda funciona como modelo de distinções entre os indivíduos. Foi a partir deste pensamento que formulamos o presente projeto de pesquisa, esperando que com sua realização possamos contribuir para valorização e reafirmação das culturas africanas, com especial atenção para cultura dos estudantes guineenses, matriculados na Unilab.

Além disso, esperamos responder as questões levantadas por esse projeto, bem como afirmar ou negar as hipóteses, portanto, com a pesquisa de campo intentamos realizar um trabalho que incentive outros trabalhos nesta direção.

10. Referenciais Bibliográficos

A Panaria. Disponível em: <https://cutt.ly/ErEyY4n>. Acesso em: 23 janeiro 2020.

ALMEIRDA, Deyse Pinto de. **A Roupas Como Resistência: a Construção da Identidade Negra Através da Moda.** Disponível em: <https://cutt.ly/MrEyPeM>. Acessado em: 24 janeiro 2020.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa do meu pai: a África na filosofia.** tradução Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro – Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BENTO, Marlene de Fátima. **Tecidos Africanos: Histórias Estampadas.** Disponível em: <https://cutt.ly/grEyHpd>. Acessado em: 24 janeiro 2020.

BORGER, Peter L, LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento.** 36. ed; tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 2014.

CAMPOS, Cláudia Renata Pereira de. **Capulana, representação e identidade da população de Moçambique.** Disponível em: <https://cutt.ly/drEyVzD>. Acessado em: 24 janeiro 2020.

CANDÉ MONTEIRO, Artemisa Odila. **Guiné-Bissau: da Luta Armada à Construção do Estado Nacional – Conexões Entre o Discurso de Unidade Nacional e Diversidade Étnica (1959-1994).**

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade;** tradução Klauss Brandini Gerhardt – a era da informação: economia, sociedade e cultura; v2, editora Paz e Terra, São Paulo, 1992.

CAXILE, Carlos Rafael Viera, FIALHO, Lia Machado Fiuza, SANTANA, José Rogério. **Africanos e afrodescendentes: espaço de cultura, resistência e sociabilidade.** Fortaleza: Edições UFC, 2014.

CÓ, Dime Gomes. **Katandera: As Mulheres e os Ritos aos Ancestrais na Guiné-Bissau.** Acarape, 2019.

COSTA, A. M. **As Simbologias do Pano de Pinti na Etnia Mandjaku.** Redenção, 2017.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e misto**; tradução Magda Lopes, 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismo e anti-racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas Lutas por Emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. 1ª edição atualizada – Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea**. 4. Ed – São Paulo: Selo Negro, 2008.

M'BOKOLO, Elíkiá. **África negra, história e civilizações: do século XIX aos nossos dias**. Tomo II. São Paulo: Casa das Áfricas; Salvador: Edufba, 2011.

MARTINS, Edna. **Linguagem Visual e Panos Africanos: Uma Abordagem Gráfica a partir de Estampas**. Orientador: Marizilda dos Santos Menezes. 2014, 165 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2014.

MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil Contemporâneo: Histórias, Línguas, Culturas e Civilizações** – São Paulo: Global, 2009.

PACHECO, Jairo Queiroz, SILVA, Maria Nilza da. **O negro na Universidade: O Direito à Inclusão**. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2007.

SEMEDO, M. O. C. S. **As Mandjuandadi: Cantigas de Mulheres na Guiné-Bissau: da Tradição Oral à Literatura**. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Tomaz Tedeu da, HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais** .10. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VISENTINI, Paulo Fagundes, RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira, PEREIRA, Analúcia Danilevich. **História da África e dos Africanos**. 3. ed – Petrópolis, RJ: Vozes 2014.